



BALCÃS. Independência do Kosovo, apoiada pela Europa e EUA, mexeu na área de influência russa

Jogo pesado no Cáucaso

GEOPOLÍTICA A crise russo-georgiana expõe as turbulências territoriais do ex-espaco soviético e o interesse dos EUA e da Europa na região

Por **Edilson Adão**, professor das Faculdades Esamc, autor de geografia e geopolítica do Sistema Pueri Domus Escolas Associadas e professor do Curso Objetivo de Santos e Sorocaba

“Se um território se reduz, é o começo do fim.”

(Friedrich Ratzel)

No fim do século XIX, o poeta Rudyard Kipling cunhou a expressão “O grande jogo” para designar as manobras britânicas e russas pelo controle da Ásia Central. Os dois impérios travaram intensa disputa visando se acomodar nas imediações que se estendem desde o Cáspio até o Cáucaso. Era a investida russo-britânica sobre o espólio territorial dos cambaleantes impérios turco e persa.

Os episódios do pós-Primeira Guerra Mundial e da Revolução Bolchevique, com a posterior criação da União Soviética

em 1922, definiram aquela região como domínio russo, recolhendo-se o Reino Unido às imediações daquilo que o Ocidente convencionou denominar Oriente Médio.

A ordem estabelecida após a Segunda Guerra Mundial reduziria o Império Britânico à potência coadjuvante no cenário global e o jogo agora seria disputado entre as duas superpotências que ascenderam na segunda metade do século XX: Estados Unidos e União Soviética. Cáucaso, Cáspio e Ásia Central se tornariam uma indiscutível zona de influência soviética, assim como também era indiscutível o domínio americano na América Latina.

A falência da União Soviética, em dezembro de 1991, lançou incertezas sobre o futuro daquela região que se tornou, momentaneamente, órfã de uma potência dominante, num momento em que se anunciava forte demanda energética mundial e se redescobria a importância energética do Cáspio. Assim, Estados Unidos e Europa (sob severa observação chinesa), trataram de acomodar-se da melhor forma possível nas redondezas petrolíferas da região, para desconforto de Moscou.

A Geórgia, ex-república da União Soviética e uma das quatro repúblicas a inicialmente se recusar a se integrar à Comunidade dos Estados Independentes (CEI), sob liderança russa foi atraída pela Europa e pelos Estados Unidos. A Rússia agora reage.

A leitura política permite interpretações díspares. Se de um lado, muitos vêem a Rússia como um Estado agressor, interventor e saudosista dos tempos do Império Soviético, outros a entendem como um país constantemente preocupado com as investidas ocidentais em sua periferia próxima, como as pretensões da Otan, cada vez mais perto de suas fronteiras. Uma observação mais apurada sob o ponto de vista da teoria geopolítica permite identificar, por parte do Ocidente, a busca de um novo *rimland spikmaniano* (a linha de fronteira, de Nicholas Spykman) sobre o entorno russo, ou do *heartland mackinderiano* (o coração continental do pivô geográfico da história, de Halford Mackinder), concepções geopolíticas clássicas, mas bem vivas.

A independência do Kosovo sob as barbas russas, com apoio da Europa e dos Estados Unidos, é outro fato que Moscou não engole. E o que dizer das pretensões armamentistas americanas na Polônia e República Tcheca, apontadas para o Leste? Sob essa prerrogativa, a Rússia estaria, então, resguardando sua franja ocidental e afastando inimigos potenciais (leia-se Casa Branca e Bruxelas).

O ex-espaço soviético é repleto de turbulências territoriais. A bola da vez é o Cáucaso, mas sobram tensões no Leste Europeu, Báltico, Criméia e Transdniéster, entre outros. Muitas dessas regiões contam com fortes minorias nacionais russas. São ingredientes geográficos e históricos para se compreender a recente crise russo-georgiana. Ou melhor seria russo-americana?

A revitalização russa nos últimos anos, associada ao arrefecimento da hegemonia americana na primeira década do século XXI, parece por fim ao período em que a potência continental esteve acuada. A recente crise no Cáucaso insinua uma possível reconfiguração da balança de poder mundial contemporâneo. O mundo caminha para uma tríade de poder global: Estados Unidos, China e Rússia.



MUSA SAOULAVEV/AP



SHAH AVAZOV/AP

JÁ VIMOS ESSE FILME. A violenta repressão russa à tentativa de separação da Chechênia não serviu de alerta ao presidente georgiano pró-Ocidente, Mikhail Saakashvili

A crise na Geórgia é o último capítulo da instável região. Nos anos 1990, esse mesmo lugar assistiu à violenta Guerra da Chechênia, quando a rebelde república de maioria islâmica declarou unilateralmente sua independência, iniciativa rechaçada por Moscou.

A “Guerra ao Terror”, declarada pelos Estados Unidos após os episódios do 11 de setembro, colocou americanos e russos do mesmo lado. Enquanto o extremismo muçulmano era a justificativa para ações dos Estados Unidos no Afeganistão e Iraque, o mesmo combate ao terror justificava atrocidades russas na Chechênia, abrigo de células da Al-Qaeda. Houve um pacto entre as potências contra o inimigo comum, o fundamentalismo islâmico, e silêncio mútuo contra os exageros cometidos por ambas as potências, cada qual com seus respectivos interesses.

Foi em troca da convivência dos Estados Unidos que Moscou tolerou a investida americana e europeia nas redondezas do Cáspio, via Geórgia e Azerbaijão. Os últimos movimentos, no entanto, parecem indicar que tal pacto chegou ao fim, mesmo porque o presidente georgiano Mikhail Saakashvili parece ter se empolgado demais com o apoio ocidental, desafiando a potência adormecida ao invadir a protegida russa, Ossétia do Sul no dia 7 de agosto. Queria ver até onde ia a paciência russa. Viu.

Cáucaso: um imbróglcio étnico

O emaranhado étnico-nacional da Transcaucásia envolve inúmeros grupos lingüísticos, alguns postulantes à autonomia, outros, à independência. Adygueses, tcherqueses, kabardin, caratchaicos, balcários, ossétios, chechenos,

O ex-espaço soviético é repleto de turbulências territoriais



Azerbaijão, países em estado de guerra declarado, emergem agora os problemas nacionais georgianos. A crise recente envolve tensões na Ossétia do Sul e Abkházia, ainda um desdobramento da mal resolvida dissolução soviética no Cáucaso.

Após o fim da União Soviética, Abkházia e Ossétia do Sul recusaram-se a fazer parte da independente Geórgia, com quem nunca se entenderam. Desde 1994, quando as forças abkhazes impuseram uma fragorosa derrota ao Exército georgiano, a região possui status autônomo, se autodenominando República Autônoma da Abkházia.

A Rússia apóia. A Ossétia do Sul fica na Geórgia, fronteira com a Rússia, e do outro lado da divisa estão os homônimos ossétios do norte. A Ossétia do Sul gozava igualmente de status autônomo e a situação estava razoavelmente adormecida até que Saakshvili mexesse no vespeiro, no dia 7 de agosto. Erro de cálculo do presidente georgiano ou ação premeditada? Os fatos ainda não estão claros, mas parece um híbrido entre as duas possibilidades.

inguches, avares, kists são algumas das derivações locais.

Os imensos desfiladeiros dos contrafortes caucásicos parecem obscurecer o cenário, uma vez que o difícil acesso a algumas aldeias potencializam o isolamento e a instabilidade política. Por vezes, acirramentos nacionalistas fundem-se com o terrorismo e crime organizado internacional. Como se verificou, por exemplo, em Pankisi, uma pequena aldeia montanhosa no nordeste da Geórgia, quando células da Al-Qaeda ali se alojaram para apoiar separatistas chechenos contra a Rússia.

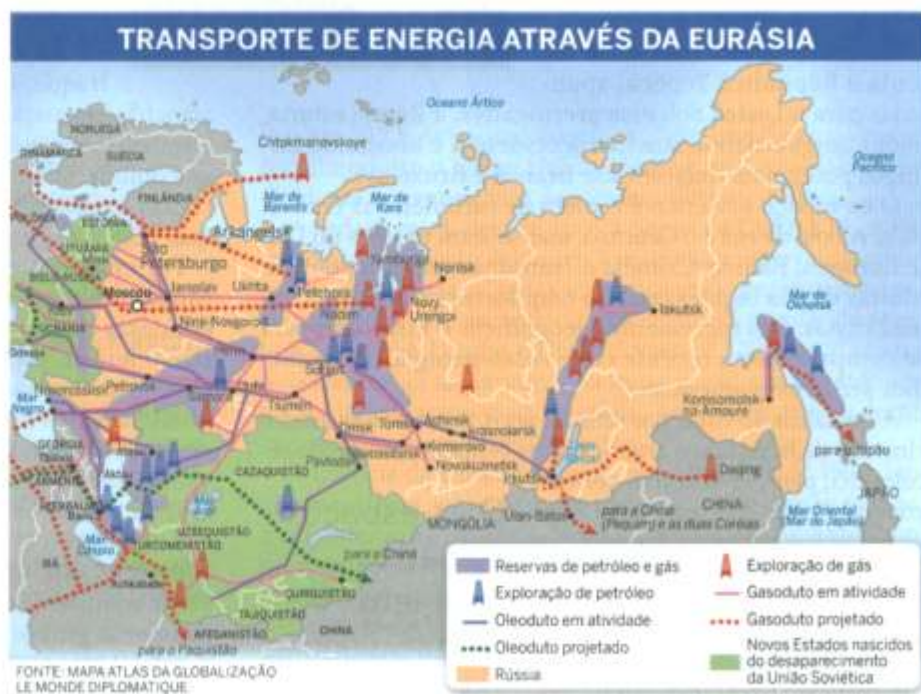
O tráfico internacional de armas e de drogas se aproveitou da situação. O primeiro para fornecer armas aos rebeldes chechenos, financiados pelo rico terrorismo saudita; o segundo para tirar proveito da turbulência local e escoar ópio e papoula oriundos do Afeganistão, que virará heroína na Europa. São detalhes ignorados ou mesmo desconhecidos pela grande mídia até agora. Complicando a situação, cada vila do Cáucaso parece assumir um dialeto próprio, fomentando muitas vezes aspirações nacionais.

Depois de turbulências na Chechênia, no Daguestão e na Inguchétia todos no Cáucaso russo e de Nargorno-Karabakh, enclave disputado por Armênia e

rece um híbrido entre as duas possibilidades.

A guerra dos dutos

O mundo convive com uma silenciosa guerra energética. A cobiça pelas principais fontes petrolíferas e de gás natural move os passos das potências. Assim, Estados Unidos,



China, União Europeia e Rússia tratam de posicionar-se da melhor maneira possível nesses pontos. A região cáspio-caucasiana é parte da disputa.

A Europa é extremamente dependente dos hidrocarbonetos russos e da Bacia do Cáspio. Um sistema de dutos interliga o Mar Cáspio ao Mar Negro, viabilizando o abastecimento europeu. Boa parte desses dutos passa pelo território russo e a cobrança de pedágio representa importante fonte de divisas a Moscou.

Está em jogo, na instabilidade do Cáucaso, a pretensão do consórcio Estados Unidos-Europa em desviar a rota dos dutos da Rússia, minimizando tal dependência. Obviamente, a Rússia luta contra. Nesse jogo, a Geórgia é peça fundamental, pois a estratégia americano-européia é fazer os dutos passarem por seu território, contornando as fronteiras russas.

Após a dissolução soviética e a negativa à entrada na CEI, a Geórgia estreitou seus laços com os europeus e americanos. Convém lembrar que o país situa-se muito próximo a outra zona de tensão, a separatista Chechênia, postulante à independência da Rússia. Contudo, a Geórgia esforçou-se para se manter alheia a mais essa contenda.

Europeus e americanos posicionaram-se de maneiras distintas em relação à Geórgia. Enquanto o governo Bush fustiga os russos via georgianos, a Europa percorre um caminho mais próximo da diplomacia, oferecendo apoio civil e econômico, buscando resgatar a Geórgia para sua esfera de influência econômica.

A Geórgia está envolvida ainda em três projetos estratégicos europeus: a TRACECA (*Transport Corridor Europe-Caucasus-Asia*), um complexo sistema de transportes intermodal euroasiático que remonta à antiga Rota da Seda de Marco Pólo; o Corredor Energético Transcaucasiano e a Rede de Telecomunicações Transcaucasiana. Outro ponto: Geórgia e Ucrânia manifestam desejo de ingressar na Otan, algo inadmissível à Moscou.

Nessa guerra dos dutos, a Rússia amargou séria derrota em 2005: a inauguração do oleoduto Baku-Ceyhan, grande duto regional que contorna o território russo, ligando o Vale do



O ALVO. A sangrenta intervenção no Iraque tem como pano de fundo as reservas de petróleo do Oriente Médio

Baku, no Azerbaijão, ao Mediterrâneo turco, não sem antes atravessar o território georgiano. A extensão do novo oleoduto é de 1,7 mil quilômetros e o custo da obra foi de aproximadamente 3,5 bilhões de dólares, financiado pelo consórcio europeu-americano. O oleoduto é uma conexão direta entre os mares Cáspio e Mediterrâneo e representou um golpe aos russos que perderam o monopólio do fornecimento

energético à Europa. Quem esteve à frente do projeto foi a britânica British Petroleum. O oleoduto escoia diariamente 1 bilhão de barris de petróleo.

Uma das leituras possíveis da recente crise caucasiana é que Estados Unidos e Rússia protagonizam uma primeira disputa da nova recomposição de forças globais. Tal contenda agrada a ambos: em tempos de eleição nos EUA, aos republicanos interessa um fato novo que possa alavancar a tímida campanha de John McCain, sempre apostando na "ameaça externa". Aos russos, é interessante legitimar suas ações em sua periferia próxima em busca do resgate da influência de outrora.

Por enquanto, o bônus é do urso continental que venceu o primeiro round contra o poder oceânico americano. ■

SAIBA MAIS

■ Livro
SILVA, Edilson Adão C. *Oriente Médio: A Gênese das Fronteiras*. Editora Zouk, São Paulo, 2003.